

nará pela política portuguesa e europeia, fala muito pouco dos graves acontecimentos de que forçosamente foi testemunha no Natal. Em 26 de junho de 1899 toda a população de Durban se precipitou febrilmente ao porto para acolher o novo herói do Império Britânico, Winston Churchill, fugido das prisões dos Boers e vindo para organizar a resistência. Foi recebido com discursos, músicas militares e aclamações, diante da Câmara Municipal, a algumas centenas de metros do liceu e do consulado. Mas o jovem Fernando Pessoa não ouviu as aclamações da multidão, como não viu nas ruas as cesalpíneas vermelhas ou os jacarandás azuis, para não falar dos transeuntes, operários ou criados zulus, estranhamente ausentes dessa África fantasma. A única alusão à situação política africana encontra-se num poema escrito no fim mesmo da estada em Durban, em 1905, em que imputa ao primeiro-ministro Chamberlain a responsabilidade da Guerra dos Boers. Poder-se-ia dizer que viveu o restante do tempo como um “zumbi”. É evidente que estava com a cabeça noutra lugar. Tudo quanto recentemente se soube de sua vida no Natal o confirma: foi uma vida puramente intelectual, fora do espaço e do tempo. Não resta dúvida de que se entediou nesse “exílio austral”, como Maria Bonaparte chamará esse país, onde se irá refugiar durante a Segunda Guerra Mundial, descrevendo-lhe “a primavera maldita” e “as aves que não cantam”. Pessoa nada descreve. Não foi em Durban que viveu em espírito, e sim em Londres, com Shakespeare, Milton ou Blake.

Foi-nos preciso aguardar os anos 60, cerca de trinta anos após a morte do poeta, para sabermos mais sobre seus anos na África. Armand Guibert, quando preparava seu estudo, publicado em 1960 pela editora Seghers, chegou a viajar a Durban para aí investigar a enigmática infância de Pessoa. Em vão. A passagem do pequeno português não deixara na cidade vestígio algum. Se Pessoa esquecera Durban, Durban pagara-lhe na mesma moeda. Gaspar Simões, alguns anos antes de Guibert começar a pesquisar o poeta, tinha-se limitado a escrever ao cônsul de Portugal, o Dr. Matias, longínquo sucessor do comandante Rosa, e o cônsul lhe fornecera alguns documentos de maior ou menor interesse. Mas uma professora de Coimbra, Maria da Encarnação Monteiro, que estudava “as influências inglesas na poesia de Pessoa”, teve a idéia de se dirigir ao reitor do liceu (High School) em que ele estudara. E logo alguns professores desse estabelecimento de ensino, ao descobrir que um pequeno português dele tinha sido aluno havia

meio século e era agora homem célebre em seu país, se interessaram pelo caso. Entre eles, um homem espantoso, Hubert D. Jennings, cuja vida é um romance e cuja relação com a vida de Pessoa constitui longuíssima história de amor.

Conheci Mr. Jennings no colóquio de Nashville, de que já falei. Tinha 87 anos. Os números, uma das superstições do poeta astrólogo, pareciam predestinar os dois homens a se encontrarem fora do tempo. Nascido em Londres, em 1896, ano da chegada de Pessoa a Durban, emigrou após a Grande Guerra para o Natal, nomeado professor do liceu, e de lá saiu definitivamente em 1935, ano da morte daquele a quem iria consagrar o fim da sua vida, do qual, porém, nunca ouvira falar até então. É ao fazer investigações para uma história do liceu (*The Durban High School Story*) que descobre, surgida dos arquivos, a fascinante figura do jovem Fernando António Nogueira Pessoa, cujo destino póstumo já conhece por intermédio de Maria da Encarnação Monteiro. E tem um *coup de foudre* por esse adolescente de gênio, morto — já o sabe — há trinta anos. Lê-lhe os poemas em francês, na tradução de Armand Guibert. Para poder lê-los no original, aprende português sozinho. Com mais de oitenta anos, prepara uma tese de doutorado, que defende na Inglaterra, e resume num livro escrito em português e intitulado (veremos por quê) *Os Dois Exílios*, publicado em 1984.

O memorável encontro de Nashville foi organizado por outro homem apaixonado, Alexandrino E. Severino, que tinha três pátrias (Portugal, Brasil, Estados Unidos) e ocupava a cátedra de Literatura Portuguesa na Universidade Vanderbilt. Também ele se consagrou durante anos, ao lado de H. Jennings, ao estudo do período sul-africano da vida de Pessoa. Sua tese, defendida em 1969 e tornada livro em 1983, *Fernando Pessoa na África do Sul*, é a obra mais completa e mais sistemática sobre o assunto. Foi com ele, e com seu colega britânico, que consegui os elementos para a história desses nove anos. Mas nem um nem outro respondem às questões que se podem levantar sobre o desenvolvimento físico e psíquico do adolescente, antes, durante e depois da puberdade, nem sobre as relações que tinha com a família (salvo que, segundo todos os testemunhos, era muito meigo com as irmãs e os irmãos pequenos, nascidos nesse período). As informações recolhidas por Jennings e Severino incidem apenas em três aspectos de sua vida em Durban: o trabalho escolar, as atividades